

No ano de 2020 a humanidade, assolada pela pandemia (da Covid-19) viveu a trágica experiência de sofrimento e morte de milhões de pessoas. A Covid-19, provocada pelo coronavírus Sars-cov-2, encontrou espaço para sua disseminação em um mundo que parece ter naturalizado a pobreza, a brutal desigualdade social, o desprezo pela vida humana e outras formas de vida no planeta. Políticas econômicas juridicamente referendadas, quanto mais criam riqueza para poucos mantem a pobreza de muitos. A pandemia da Covid-19 revela-se menos como a causa e mais como a evidenciação das consequências do capitalismo neoliberal. Particularmente no Brasil, políticas neoliberais de privatização e desmantelamento da educação e da saúde públicas evidenciam o quanto a população brasileira já estava desprotegida, sobretudo os mais pobres. Esta mostrou de forma chocante o incalculável prejuízo humano e social resultante do desfinanciamento público do Sistema Único de Saúde, da Educação, da Ciência, combinado com o avanço da privatização direta e indireta destes serviços essenciais, entre outras políticas desmanteladoras, cuja alta eficácia se expressa no aprofundamento da desigualdade social e no impulso à desdemocratização do país.

Em todo o mundo a pandemia mobilizou esforços em busca de soluções, entre elas a incorporação rápida das tecnologias, particularmente a tecnologia digital, como recurso emergencial para realização de atividades humanas sem o contato físico entre as pessoas. Manter as atividades de trabalho e cotidianas em condição de afastamento social representou, para uma parcela da população, manter-se protegida da Covid-19. A tecnologização permitiu manutenção do trabalho, dos negócios,

de diversas atividades sociais cotidianas. Entretanto, sob uma concepção dialética e contraditória da realidade, é necessário reconhecer que toda solução traz consigo um novo problema. Uma consequência da rápida penetração das tecnologias digitais no trabalho e nas atividades cotidianas é o risco da vida tecnologizada, com a fragilização dos vínculos humanos não possíveis de serem tecnologicamente mediados. A vida passou a ser muito mais tecnológica e virtual, e muito menos corpórea e presencial, processo este que merece maiores considerações críticas, mas que não é possível serem desenvolvidas no espaço deste editorial.

A desigualdade social fez com que uma parcela significativa da população permanecesse excluída da conectividade digital e do acesso aos meios tecnológicos diversos, impedindo o acesso aos mais essenciais bens e serviços, materiais e imateriais. Assim, a exclusão social foi ampliada e a pandemia da Covid-19 evidenciou outros processos que podem também ser considerados “pandêmicos”, de longa data em curso no mundo todo, como pobreza, fome, violência, ausência das mais básicas condições de vida humana com dignidade, destruição da natureza com drásticas consequências ambientais para todos os tipos de vida, erosão de valores emancipatórios.

Na dimensão política e cultural assiste-se mundialmente ao crescimento de expressões e práticas antidemocráticas e anticivilizatórias que já estavam presentes, como autoritarismo, fascismo, censura, limitação de liberdades, homofobias, racismo, feminicídio, negacionismo, movimentos contra a racionalidade e a ciência. No Brasil, ao lado destas expressões verifica-se também o ataque à universidade, aos professores, aos pesquisadores, aos intelectuais em geral. Estas práticas parecem ser alimentadas, por um lado, por concepções conservadoras e antidemocráticas e, por outro lado, pela ausência de referências de confiança e credibilidade nas instituições, na política, nos negócios, na mídia. São sintomas históricos crônicos que na pandemia se agudizaram, mostrando que apesar de atingir rapidamente avanços tecnológicos inimagináveis, a sociedade continua em uma crise civilizatória que não se resolve de forma alguma por meio das tecnologias, mas sim pela defesa da vida e pela democratização e a justiça social.

Ao longo de 2020, em meio a um desolador cenário de sofrimento e perdas humanas irreparáveis, pesquisadores de todo o mundo atuaram nos vários campos de conhecimento, mobilizando a criatividade e a imaginação para superar as dificuldades e buscar formas de enfrentar os desafios visíveis e invisíveis. As ciências naturais e exatas investiram

na produção de informações para o controle da pandemia e na criação de vacinas entre outras formas de prevenção e tratamento da Covid-19. As ciências humanas e sociais se debruçam, incansavelmente, sobre a complexidade dos processos sociais e pandêmicos, sobretudo em suas dimensões não evidentes, oferecendo uma compreensão mais aprofundada e conhecimentos que possam balizar tomadas de decisões políticas em uma realidade tão incerta.

No campo científico da Educação verificou-se, em 2020, no contexto brasileiro, significativo dispêndio de energia para manter o debate crítico e ajudar a pensar em soluções, analisando as práticas educacionais escolares, aclarando as condições concretas nas quais professores e estudantes foram levados a permanecerem em atividades escolares de forma remota, síncrona e assíncrona. A pandemia descortinou a realidade educacional (para os que ainda não haviam percebido), mostrando de forma mais clara a desigualdade educativa entrelaçada à desigualdade social. O debate sobre essa realidade fornece elementos fundamentais para a análise das políticas públicas educacionais, das práticas educativas, dos currículos, da gestão educacional, das avaliações, entre outros aspectos relevantes da educação escolar, em todos os níveis.

A Revista Educativa enfrentou em 2020, como praticamente todos os periódicos, dificuldades para manter quantitativamente e qualitativamente a publicação. Mantendo-se firme em seu propósito, conseguiu trilhar as mudanças definidas a partir de 2019, entre elas ampliar a publicação por autores estrangeiros. O volume 23 (2020) oferece na sessão Artigos Temáticos um conjunto de nove artigos que abordam o tema avaliação da aprendizagem e diversidade. Organizado pelos pesquisadores Carla Barroso da Costa e Anderson Araújo-Oliveira, ambos da Université du Québec à Montréal, os artigos têm como autores estudiosos do tema vinculados a diversas universidades canadenses (cf. Apresentação), abrangendo estudos e reflexões teóricas que representam uma contribuição inovadora.

A sessão Temas em Debate apresenta uma pluralidade temática refletida em 19 artigos que abordam problemas do campo educacional, contextualizados a partir da realidade nacional e internacional, oferecendo exames críticos sobre a educação em nosso tempo. Na Sessão Ponto de Vista, são oferecidas duas importantíssimas reflexões, uma sobre o trabalho na universidade, outra sobre pedagogias culturais e trans.

Buscando, como todos os periódicos científicos, a superação das adversidades e contratempos trazidos pelo ano 2020, a Educativa tem

grande satisfação por conseguir manter um trabalho rigoroso que pode ser aquilatado pelos leitores e, espera-se, que todos apreciem e se beneficiem. Assim, segue mantendo uma contribuição qualificada ao debate e circulação de ideias plurais no campo educacional.

Em nome de sua equipe, a Educativa apresenta cordiais agradecimentos a todos que com ela colaborou neste tão desafiador ano de 2020. Mantemos forte a esperança de que nos tempos que estão por vir a sociedade descubra novas e melhores formas de fortalecer a educação pública e elevar a qualidade humana, como um instrumento privilegiado na construção da democracia e da justiça social.

Raquel A. Marra da Madeira Freitas
Editora